

O estrangeiro e a cidade: O Rio de Janeiro e o imaginário da viagem

Anlene Gomes de Souza*

I

Qu'est-ce que le cur d'une ville? L'âme d'une ville? Pourquoi dit-on qu'une ville est belle ou qu'une ville est laide? Qu'y a-t-il de beau et qu'y a-t-il de laid dans une ville? Comment connaît-on une ville? Comment connaît-on sa ville?

Georges Perec, *Espèces d'espaces*.

A viagem sempre fez parte da história do homem. Ela representa uma possibilidade de ampliação da área de seus territórios físicos e imaginários. Durante muito tempo a viagem foi considerada uma importante fonte de transmissão e troca de conhecimento. Este saber, “que vinha de longe – do longe espacial das terras distantes, ou do longe temporal contido na tradição”, como observou Walter Benjamin¹, proporcionava aquele que relatava a viagem uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência. A imagem do viajante foi por muito tempo idealizada coletivamente. A viagem costumava ser associada à idéia de um conhecimento que era adquirido pelo simples deslocamento espacial do viajante e pela posse de objetos que testemunhavam a veracidade e a amplitude de seus movimentos. Ainda hoje, acredita-se, por exemplo, que após percorrer as ruas de uma cidade desconhecida um viajante está apto para descrevê-la. Associa-se à viagem a possibilidade de aquisição de um saber que é obtido a partir da experiência vivida diretamente no espaço da cidade. Este tipo de conhecimento intuitivo – proporcionado pelo encontro com as diferenças paisagísticas e socioculturais – faz parte do imaginário ocidental moderno.

* Mestre pela PUC-RJ.

1 Benjamin, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas I*. São Paulo, Brasiliense, 1986, pp. 202-3.

A partir do final do século XIX, a multiplicação dos trajetos e a diversificação dos meios de acesso aos lugares impulsionaram o aparecimento de modelos de viagens e viajantes nunca antes imaginados. As mudanças ocorridas, principalmente, no âmbito dos percursos, estavam relacionadas às novas formas de sociabilidade projetadas pela crescente complexificação da cultura das cidades. O progressivo desenvolvimento dos meios de transportes e o turismo aceleraram a popularização do hábito de viajar, antes privilégio de poucas pessoas. Jean-Didier Urbain² observa que a popularização das viagens significou a ampliação deste privilégio para um maior número de pessoas. A viagem que se destinava ao lazer, às férias ou ao veraneio vulgarizou-se como uma prática da população cidadina emergente. O turismo multiplicou os olhares sobre o mundo, constituindo-se uma modalidade de lazer muito mais rica e variada que em outros tempos.

A descrição sistemática das mais diferentes paisagens e culturas de diversas regiões do mundo foram responsáveis pela popularização de um imaginário sobre as terras distantes. Os relatos de viagens longínquas contribuíram para a propagação de modelos de condutas para as terras desconhecidas. Este tipo de narrativa alcançou uma grande popularidade na Europa ocidental, principalmente, durante o século XIX. Nas narrativas de viagens à América do Sul – onde o Rio de Janeiro se incluía como parada obrigatória –, as cidades eram geralmente consideradas jovens ou primitivas. As imagens de beleza do sítio natural da cidade foram divulgadas, principalmente, a partir de uma prodigiosa literatura de viagens e expedições científicas produzida ao longo dos séculos XVIII e XIX.

A narrativa de viagem é um fascinante campo de possibilidades de análise. E foi exatamente o fascínio pelas viagens e descrições do Rio de Janeiro, pela ótica dos viajantes estrangeiros, que serviu de inspiração para uma pesquisa, cujo resultado transformou-se em dissertação de mestrado. O relato descritivo de um viajante é uma forma narrativa que produz – e reproduz – um repertório de imagens, sobre a viagem e sobre a cidade visitada. Sua análise requer uma familiaridade com o conjunto de práticas que se constituem o solo de referência deste tipo de literatura. Através de uma investigação das características históricas e antropológicas da viagem, e de um tipo de registro específico da alteridade – a descrição de uma cidade –, foi possível identificar um repertório de imagens freqüentemente associados à cidade do Rio de Janeiro.

A localização exata do tema pesquisado pode ser determinada a partir de três coordenadas básicas: o escritor-viajante estrangeiro, a viagem e a cidade. Investiga-se ao mesmo tempo um período, ou seja, a primeira metade do século XX, um objeto –

2 Urbain, Jean-Didier. *L'idiot du voyage: histoires de touristes*. Paris, Seuil, 1989, p. 64.

as narrativas de escritores-viajantes estrangeiros³ – e um lugar: a cidade do Rio de Janeiro. O objetivo da pesquisa era analisar o imaginário da viagem moderna e as descrições do Rio de Janeiro feitas por um conjunto de onze estrangeiros durante a primeira metade do século XX, entre 1910 e 1940.

O entendimento das representações, imagens e valores estéticos e simbólicos, atribuídos à viagem e aos espaços da cidade, exige a delimitação precisa de um território analítico. Por um lado, os textos selecionados apontam para a análise da mecânica do olhar dos escritores-viajantes; e, por outro lado, servem de balizamento para que se faça uma leitura da cidade como espaço visual e imaginário, onde se projetam as imagens e idealizações destes estrangeiros. De um modo geral, estas descrições do Rio de Janeiro privilegiam o que é considerado belo, exótico, e, por vezes, significativo do ponto de vista mercantil. Predominam os elogios e, até mesmo, uma crítica sutil ao que está sendo descrito; mas, dificilmente se manifesta qualquer tipo de desaprovação ostensiva, salvo raras exceções.

Para descrever uma cidade estrangeira, o escritor-viajante utiliza um arsenal que visa reproduzir na narrativa a multiplicidade de sensações despertadas pelo encontro com os diversos espaços da cidade. As sensações desencadeadas pelas diferenças visuais, sonoras, olfativas e também aquelas vinculadas à memória de outras cidades e viagens são, por vezes, um contraponto que facilita o entendimento do novo. O que está sempre em jogo, neste caso, é a possibilidade de transmitir ao futuro leitor um depoimento que possa ser apreendido como verossímil. Ao mesmo tempo, este texto deve conter um repertório básico de informações objetivas sobre a cidade, sem perder o caráter de guia de impressões romântico. Assim, conhecer uma nova cidade é uma experiência em que se utiliza uma gramática espacial específica. A leitura e a descrição de seus espaços exigem do visitante uma abertura para o desconhecido e envolve diversos níveis perceptivos.

O estrangeiro que descreve as sensações e as impressões de sua viagem e da cidade que visita, quase sempre procura transpor para seu discurso algumas “totalizações imaginárias”⁴. Entretanto, estas generalizações não abarcam a dupla estranheza que está presente em seu texto. Por um lado, há o distanciamento do estrangeiro, derivado de sua própria condição de não pertencimento, que dificulta o acesso a algumas dimensões da cidade. Por outro, existe a impossibilidade de uma apreensão global da multiplicidade cotidiana do espaço urbano, inerente a qualquer tentativa de interpretação

3 A expressão é de Tzvetan Todorov. Cf. *Id. Nous et les autres: la réflexion française sur la diversité humaine*. Paris, Seuil, 1985, p. 376.

4 Certeau, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Vozes, 1994, p. 172.

da cidade. A caracterização dos lugares, dos costumes, dos habitantes e de cenas pitorescas busca a singularização de um espaço que é intrinsecamente plural.

A descrição de uma cidade desconhecida e de uma viagem é geralmente construída a partir de um conjunto de formas narrativas recorrentes, facilmente identificáveis no conjunto das fontes analisadas. Este aspecto poderia limitar a leitura das obras selecionadas, em função de suas semelhanças, entretanto, as diferenças e especificidades de cada abordagem são muito significativas. Estas obras foram reunidas numa tentativa de se chegar a uma característica mais geral da imagem da cidade, através da análise dos mecanismos descritivos utilizados nestas narrativas. Investiga-se também o tipo de olhar que o Rio de Janeiro atraía para si, invertendo-se, deste modo, a perspectiva analítica. O olhar que o estrangeiro dirigia para a cidade, e que foi registrado através de suas descrições, algumas vezes era previamente informado por uma visão oficial, voltada para uma representação e divulgação externa do país ou de sua capital. Neste caso, reproduzia-se “uma identidade construída de fora para dentro”⁵, voltada para a exteriorização de pretensas qualidades. A cidade era quase sempre reduzida a uma imagem que destacava o caráter mestiço e tropical de sua cultura. Exaltava-se, além do exotismo das paisagens, sua vocação para o progresso e para um futuro redentor.

O Rio de Janeiro nesta época era uma cidade distante, pouco conhecida e isolada do Velho Mundo pela imensidão do Atlântico. As enormes distâncias, em relação à Europa e aos Estados Unidos, por exemplo, só podiam ser vencidas, até o final da década de 20, através de longas viagens de navio. A popularização das viagens aéreas, a partir da década de 30, acelerou o declínio das grandes viagens transoceânicas. O avião diminuiu consideravelmente o tempo de viagem. Na transição do navio e para o avião a cidade começou a consolidar-se como estação turística. A partir da década de 20, as excursões de turistas europeus e norte-americanos em busca do exotismo dos trópicos começaram a se tornar mais freqüentes. No período em que os escritores-viajantes estrangeiros publicaram suas obras, países como o Brasil ainda eram considerados pouco acessíveis. O Rio de Janeiro, curiosamente, era uma cidade que possuía uma imagem muito semelhante àquela divulgada atualmente pelas agências de turismo. A representação da cidade como um lugar exótico, muito freqüente ainda nos dias de hoje, guarda estreita relação com o imaginário dos viajantes dos séculos XVIII e XIX.

5 Schwarz, Lília K. M. “Um Brasil caricatural para alemão ver”. Caderno Mais! *Folha de S. Paulo*, 6/11/94.

II

O ponto de partida desta pesquisa é o relato de um encontro inventado entre um escritor-viajante estrangeiro e a cidade do Rio de Janeiro chamado *Um percurso imaginário*. Por ser um relato fictício, este texto pode parecer estranho, em se tratando de uma dissertação de mestrado, mas ele facilita o entendimento do tipo de narrativa que foi analisada ao longo da pesquisa. Este percurso imaginário é uma coletânea de alguns dos principais recursos narrativos que podem ser encontrados nos onze relatos selecionados como fontes primárias desta pesquisa. Trata-se de uma aproximação ao estilo de narrativa destas fontes: uma apresentação do objeto de estudo através de um relato hipotético e exemplar. Este texto reúne algumas referências de viagem e descrições do encontro com a cidade do Rio de Janeiro pela ótica de um narrador estrangeiro. Ele é um ponto de confluência que justifica a presença conjunta de várias obras, distintas entre si, mas estruturadas a partir de uma mesma matriz descritiva. Sendo assim, *Um percurso imaginário* apresenta o tema da dissertação, evidencia a especificidade deste lugar e o objeto que vai ser analisado.⁶ Ele segue a mesma lógica que rege a escrita dos estrangeiros, observando as diversas etapas e os mecanismos de percepção e entendimento do espaço.

A cartografia da paisagem desta viagem imaginária é atemporal. Por ser uma colagem de impressões, a localização do relato num tempo específico iria de encontro à necessidade de fazê-lo representativo do conjunto de obras analisadas. A longa travessia do Atlântico – que durava quase duas semanas – é um momento significativo para a reflexão sobre a dupla condição deste sujeito moderno: viajante e estrangeiro, a bordo de um navio e a caminho de uma cidade desconhecida. Ela demarca um momento de transição, que se situa entre a expectativa frente ao que vai ser visto e a sensação de não se ter ainda abandonado o lugar do qual se veio. O escritor-viajante estrangeiro que serve de modelo é aquele que permaneceu algum tempo na cidade. Ele escreveu sobre ela durante sua estada, ou após a viagem, registrando suas impressões e descrevendo as experiências vividas em seus espaços. Este conjunto de relatos e de obras de divulgação da cidade também é muito significativo do ponto de vista da percepção das modalidades de viagens modernas.

Alured Gray Bell, G. J. Bruce, José Casais, Blaise Cendrars, Georges Clemenceau, Hugh Gibson, William Henry Koebel, Claude Lévi-Strauss, Miguel Luis Rocuant, Leo-

6 Cf. Certeau, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982, pp. 31-2.

pold Stern e Stefan Zweig foram os onze autores estrangeiros escolhidos. Estes estrangeiros possuíam em comum a característica de terem descrito o Rio de Janeiro no período que vai do início à primeira metade do século XX. Seus livros foram escritos ou publicados entre 1910 e 1940. Algumas destas narrativas se apresentavam ao mesmo tempo como relatos de viagem, material de propaganda turística ou de informação histórico-geográfica. Este é o caso de autores como G. J. Bruce, J. Casais, G. Clemenceau e W. H. Koebel. Outras tinham por finalidade promover e divulgar uma imagem positiva do Brasil, ou, mais especificamente, de sua capital, como nos casos de A. G. Bell, H. Gibson, L. Stern e S. Zweig. Na contramão destes dois tipos de relatos, também foram selecionados aqueles em que a presença de uma descrição do Rio de Janeiro não era o interesse principal do estrangeiro, mas o pano de fundo de sua viagem, como os livros de B. Cendrars, C. Lévi-Strauss e M. L. Rocuant. Deve-se assinalar que algumas dessas obras são pouco conhecidas, pois seus autores foram esquecidos ou apenas continuaram desconhecidos ao longo deste século. A maior parte destes livros tiveram uma circulação muito restrita, mesmo quando se dimensiona as especificidades editoriais do momento de suas publicações.

A seleção das narrativas desses onze escritores-viajantes estrangeiros foi muito pessoal e intuitiva, se bem que por definição cada uma seja única, certas características comuns tendem a unificá-los num conjunto que privilegia as impressões sobre a cidade do Rio de Janeiro. Qual foi o critério que reuniu autores e obras tão diferentes entre si? A tentativa de empreender uma reflexão sobre o sentido da viagem, como longa travessia – um deslocamento no tempo, no espaço e no lugar social do viajante –, analisando-se as sensações que ela provoca no estrangeiro que descreve a cidade, foi o critério básico que inspirou a pesquisa. O impacto causado pelo encontro com a diferença, sob a forma da surpresa, do encantamento ou da decepção, também permeia a abordagem do tema, assim como o interesse pelas concepções sobre o exotismo das terras e dos povos distantes. O que aglutina o conjunto das onze obras, portanto, é a possibilidade de uma leitura descritiva da cidade intermediada pela alteridade. Este olhar estrangeiro não descreve, necessariamente, uma singularidade, mas intensifica o sentido de sua diferença em relação à cidade visitada. Trata-se, fundamentalmente, de uma reflexão sobre o impacto peculiar que a imagem do Rio de Janeiro provoca em cada um destes escritores-viajantes.

Existem muitas semelhanças entre os escritores estrangeiros analisados. As características comuns foram destacadas, mas as diferenças entre eles também deviam ser estabelecidas para uma melhor compreensão das especificidades de suas viagens e descrições da cidade. Observa-se a presença de um texto formalmente hierarquizado no que diz respeito à descrição dos espaços. Algumas recorrências se destacam em muitas

passagens destas peregrinações pela cidade. São procedimentos que formam um conjunto de práticas comuns a diversos autores. A chegada de navio pela Baía de Guanabara, a visão da cidade a partir do mar, a descrição do Centro, com seus mosaicos nas calçadas de pedras e suas ruas estreitas, a surpresa frente à cordialidade dos cariocas, a arquitetura, os pontos de visão panorâmica da floresta e da cidade, enfim, existe um conjunto de descrições que se repete ao longo das narrativas. Há um repertório de imagens recorrentes: um percurso descritivo básico, que a própria aproximação entre o estrangeiro a cidade sugere.

Na descrição do espaço desconhecido o estrangeiro utiliza diversos mecanismos. A comparação e a metáfora – especialmente a antropomorfização – ajudam a situar o leitor neste contexto pouco familiar que é o alvo da viagem. São formas narrativas que reduzem a diferença a uma escala assimilável, evitando-se o estranhamento ou a necessidade de criar novas referências. Neste caso, os espaços da cidade são descritos através de um diálogo entre o narrador e o leitor. Através delas o estrangeiro se aproxima da cidade desconhecida sem perder de vista as imagens mais familiares à sua cultura. Deste modo, o narrador facilita a apreensão das diferenças existentes na cidade que está descrita em sua narrativa, pois seu leitor não está familiarizado com elas. A cidade, aliás, é o lugar privilegiado do ponto de vista das descrições destes estrangeiros. O narrador circula em seus espaços utilizando uma retórica descritiva que inclui aspectos inerentes ao modo de vida urbano do início do século XX. Este estrangeiro estabelece equivalências entre a sua cidade – com a qual possui mais familiaridade⁷ – e aquela que está visitando e descrevendo.

A cidade e seus habitantes, por vezes, são unificados numa só imagem e a ela é atribuída um conjunto de características e influências associadas à natureza tropical. Esta personificação da cidade é um artifício muito utilizado e que se justifica pela necessidade de transformar a realidade complexa e múltipla do espaço urbano numa unidade compreensível, que facilita a apreensão de suas supostas características pessoais. Utilizam-se também outros recursos, como as ilustrações e fotografias, que, neste caso, respondem à necessidade de dar mais credibilidade ao relato. Estas imagens visuais são importantes aliadas na caracterização da cidade.

Deve-se ressaltar que este narrador é um sujeito moderno. Para esse indivíduo a experiência pessoal é intransferível: em qualquer lugar e independente das circunstâncias sua identidade é a mesma. A exteriorização dos acontecimentos vividos, sob a forma da descrição, corresponde à necessidade de divulgação de suas ações individuais.

7 Neste caso, as grandes cidades européias e norte-americanas da primeira metade do século XX eram Londres, Paris e Nova York, por vezes, nesta ordem de importância.

Trata-se de um mecanismo que permite a exposição pública de suas descobertas pessoais, mesmo que o objetivo primeiro de sua narrativa seja a divulgação de um lugar específico: um continente, uma nação ou uma cidade. A importância atribuída à própria ação de narrar o transcorrer de sua viagem e de seu encontro com a cidade é um marco na trajetória pessoal destes narradores. A descrição dos acontecimentos vivenciados ao longo da viagem representa uma possibilidade de reflexão sobre estas experiências. O que está em primeiro plano nestes relatos muitas vezes é o próprio narrador e não os espaços que são descritos. Esse estrangeiro se relaciona com a viagem e com a cidade segundo padrões socioculturais de sua época. Ele também registra em seu texto algumas características herdadas dos séculos precedentes. Por outro lado, muitos aspectos de suas descrições já estavam sintonizados com as práticas do turismo de massas deste século.

No que diz respeito às viagens optou-se por uma caracterização mais geral, que levasse em conta o entendimento das permanências de alguns modelos de viagens dos séculos anteriores. A existência de múltiplos perfis de viajantes é um traço essencial das modalidades de viagens deste século. Os viajantes misturam, por vezes, num mesmo percurso, imagens herdadas das viagens ao Novo Mundo, recorrências às expedições científicas, influências românticas e práticas turísticas deste século. Neste sentido, as viagens são marcadas pela multiplicidade e por uma espécie de transição para a modernidade. Observa-se neste período a passagem do relato de viagem marcada pelas influências literárias dos séculos anteriores para o pragmatismo dos guias turísticos contemporâneos. Os relatos destas viagens tiveram uma grande importância na formação de um imaginário sobre a cidade. Eles são significativos, como fontes para o entendimento das próprias especificidades da viagem, e como instrumentos de divulgação da cidade.

No começo do século XX, o relato de viagem ainda era um gênero literário bastante apreciado, e, de certo modo, permanecia a matriz geradora da imagem do continente para os povos do Velho Mundo. Ao Brasil deste período costumavam atribuir a imagem de uma nação jovem, distante e exótica. Nesse país pouco conhecido se produzia o café, a borracha e o açúcar. Suas cidades estariam cercadas por florestas, índios selvagens e povoadas por uma mistura de brancos e negros. Os trinta anos compreendidos entre 1910 e 1940 são geralmente associados ao desenvolvimento e à transformação das cidades brasileiras. Este período também representa a possibilidade de uma maior circulação da imagem da cidade, em face ao surgimento de novos meios de transporte e comunicação. As grandes cidades propostas pela civilização industrial proporcionavam, objetivamente, condições de favorecimento de um fluxo de trocas mais intenso em diversos níveis e entre diferentes culturas.

III

Nos relatos dos escritores-viajantes analisados, o exotismo é a diferença que se apresenta como marca fundamental da capital do Brasil. O exótico – o diferente, desconhecido e distante – está presente nos mais diversos níveis do encontro do estrangeiro com a cidade. Esta feição é creditada tanto à sua paisagem natural quanto aos seus habitantes: o ritmo da vida urbana é freqüentemente associado ao clima e à paisagem tropical. Os aspectos das paisagens naturais e da cultura brasileira são exóticos porque não fazem parte do cotidiano destes estrangeiros. Não são características que possam ser apreciadas sem que isso signifique um deslocamento espacial: uma viagem, fonte principal de intercâmbio e de formação das imagens das regiões desconhecidas. O exótico confunde-se com o imaginário europeu sobre as regiões mais distantes do Novo Mundo que se cristalizou ao longo dos últimos séculos. Agrupa-se, neste mesmo conteúdo, cultura, clima, raças e paisagens naturais, limitando-se o significado que a própria experiência do encontro com uma cultura representa. No período de transição para o turismo de massas, o Rio de Janeiro encontra-se num campo de significações no qual a imagem da cidade se confunde ou se sobrepõe à própria imagem do Brasil.

Quase todas as imagens do Rio de Janeiro, construídas nos relatos, guardam alguma relação com este imaginário exótico europeu para as terras distantes e desconhecidas. Considera-se exótica a paisagem natural da cidade, identificação que funciona como uma ponte de ligação para todas as outras imagens propostas para seus espaços físicos e sociais. Este tipo de caracterização ainda hoje representa um papel preponderante na imagem do Rio de Janeiro. As descrições enfatizam a idealização da cidade como um misto de natureza primitiva e civilização. No período analisado, o exotismo das paisagens e do povo, que exclui a visão de muitas dimensões não muito pitorescas da cidade, é o elemento aglutinador das imagens da capital do Brasil. Essas imagens misturam num enorme e quente caldeirão vários aspectos: a alegria e a cordialidade dos cariocas, as praias, as florestas e uma vivência social mais intensa. Os sítios privilegiados de visão panorâmica e a presença de florestas quase virgens nas bordas da cidade, ao alcance dos olhos e das mãos, são aspectos muito apreciados.

A concepção de exotismo presente nestas narrativas corresponde a uma imagem em que se encontram amalgamados a natureza domesticada dos jardins, as florestas selvagens, as praias, a vida urbana e uma sociedade amistosa que mistura brancos europeus, índios e negros. Essa imagem exótica inclui também outros elementos: o ritmo e a musicalidade dos cariocas, as favelas, as borboletas azuis, o artesanato e as pedras preciosas. As pedras coloridas e brilhantes são muito apreciadas pelos estran-

geiros que parecem buscar os mesmos tesouros e maravilhas que moviam os viajantes da época das grandes viagens e da descoberta do Novo Mundo.

O prestígio das paisagens naturais cariocas articula um conjunto de imagens infiltradas por permanências herdadas de outras viagens perdidas no tempo e na memória dos viajantes. Este imaginário sobre o Rio de Janeiro situa a cidade num limiar entre cultura e natureza. Ele poderia ser traduzido pelas descrições que enfatizam nos espaços da cidade um sentido de privilégio e excepcionalidade creditados à sua implantação física e relacionados a uma imagem-síntese: o binômio cidade-natureza. Esta construção pode ser compreendida como a encarnação de duas formas aparentemente inconciliáveis: a cidade, como civilização, cultura e ordenação racional, e a natureza, como paisagem: domínio selvagem e primitivo. A excepcionalidade estaria, portanto, na localização da cidade, implantada em meio a uma natureza considerada exótica e primitiva: envolta numa atmosfera a um só tempo selvagem e civilizada.

O paralelo que alguns autores estabelecem entre natureza e feminilidade é muito significativo para o entendimento do exotismo e da atração que ele exerce no estrangeiro. A paisagem exótica ameaça seu equilíbrio pela sedução ou pela possibilidade sempre iminente dele se perder no emaranhado selvático e sensual da cidade: que é como o corpo de uma mulher. A cidade é feminina porque sua paisagem é dominada pela natureza tropical, enquanto as cidades masculinas são marcadas pela ação civilizadora do homem, que imprime sua força no espaço, transformando a paisagem natural. A imagem do Rio de Janeiro representaria o ideal de equilíbrio entre a força masculina, que domestica o espaço, e a beleza de uma natureza-paisagem feminina exuberante. Esta cidade-mulher atrai, seduz, e pode ser conquistada por este homem estrangeiro civilizado. Em sua descrição ele personifica os espaços da cidade para simplificar a apreensão de sua complexidade urbana.

É importante destacar, finalmente, a especificidade histórica da descrição desses encontros entre os estrangeiros e a cidade. No sentido sugerido por Michel de Certeau, estas narrativas foram interpretadas como “práticas do espaço”: tentativas de expor no texto escrito a espacialidade da cidade, como a tradução de uma “experiência antropológica, poética e mítica do espaço”.⁸ Desse modo, e sem perder em profundidade, o estrangeiro tentava recuperar o sentido do que havia vivenciado nos espaços da cidade. Pouco transparentes à primeira leitura, estes relatos foram considerados, do ponto de vista de sua densidade de matéria histórica, sujeitos a diversos níveis e formas de interpretação. Estas descrições do Rio de Janeiro foram entendidas, fundamentalmente, como percursos pela geografia humana, social e imaginária da cidade.

8 Certeau, Michel de, *op. cit.*, p. 200.